



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12673 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

FANTASIAS JUVENIS COMO LINHAS DE RESISTÊNCIA

Ericka Fernandes Vieira Barbosa - UnB - Universidade de Brasília

Andrea Cristina Versuti - UnB - Universidade de Brasília

### FANTASIAS JUVENIS COMO PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

**Resumo:** Apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre experiências literárias de jovens que convivem em comunidades digitais de fãs (*fandoms*), conhecidos como *otakus*, admiradores de conteúdos culturais do Japão, e *kapopeiros*, apreciadores do k-pop, produções da Coreia do Sul. Nosso objetivo foi investigar os modos de consumo e criação de ficções amadoras por conterem práticas textuais diferentes da leitura solitária e da escrita competitiva adotadas em muitas escolas brasileiras. Amparadas pela cartografia de Deleuze e Guattari, adentramos territórios de fãs e nos deparamos com a ludicidade agenciando aprendizagens em coautoria, em que nelas prevalecem relações equivalentes de poder e o vislumbre de um posicionamento ético coletivo que pode ser resumido pela expressão - eu posso e você também. Concluímos que esses processos de criatividade compartilhada são linhas de fuga para a curiosidade e o inusitado, fatores que compelem à busca por mais conhecimentos e, no campo da educação, possíveis de romper com concepções que percebem o jovem como um vir a ser adulto, para as quais não cabe o trabalho pedagógico com a fantasia durante a aprendizagem da juventude.

**Palavras-chave:** cartografia, juventude, aprendizagem informal

#### Introdução

Este resumo expandido é um recorte de pesquisa de doutorado desenvolvida em torno da relação juventude, estéticas e cultura em *fandoms*, cujo interesse surgiu diante da atual regulação para o ensino médio nacional, que insiste em perceber os jovens como um vir a ser

adulto moldado às exigências da economia competitiva, em detrimento de educá-los segundo experiências e possibilidades criativas de se distanciarem dos caminhos da adaptação e da conformação, percursos que lhes levam a territórios existenciais de submissão, nos termos da Seção IV - Do Ensino Médio, Art. 35, inciso II da Lei Nº 9.394 (BRASIL, 1996), que visa a formação do ser adaptado às exigências do mercado de trabalho.

Contra isso, definimos a seguinte tese: práticas lúdicas de jovens em *fandoms* permitem experiências de desterritorialização possíveis de alterar os sentidos de mundo instituídos localmente ou estatuídos em escala ampliada, visto a convergência de ideias e atitudes e o alcance da comunicação digital, oportunidades com força para os jovens se transformarem em produtores de cultura (JENKINS, 2009).

Sobre os jovens pesquisados, selecionamos fãs de conteúdos não comuns ao entretenimento ocidental, na intenção de fugirmos de cânones. São eles, *otakus* – apreciadores de animes (desenhos animados) e mangás (histórias em quadrinhos) japoneses, e kapopeiros, fãs de músicas, danças, doramas (mini novelas) e celebridades coreanas, que convivem nos *multifandoms* Spirit Fanfic e Histórias e Nyah! Fanfiction e compartilham conteúdos, mesmo que cada grupo tenha suas preferências. Além da troca de material, fãs inventam modos de propagar não apenas produtos que lhes agradam, mas também emoções, ideias e conteúdos desdobrados da obra original, práticas que os aproximam dos jovens vaga-lumes tratados por Scareli e Dias (2021, pp 4-5):

Desautomatizam os modos acostumados de olhar para o mundo convidando ao estranhamento, a atenção, ao olhar sensível para o mundo, outras estéticas que produzem outros códigos, outras formas de sentir, outras formas de escuta, outros modos de ver.

Nesses territórios digitais, os jovens se entregam à fantasia, fabulam outras combinações de vida e fogem do lugar comum, aspectos que nos instigaram a adotar a cartografia para nossa análise (DELEUZE, GUATTARI, 1996a), pois, segundo seus teóricos, territórios comuns tendem a criar cópias, enquanto a variedade dos agenciamentos surge durante processos de desterritorialização, momentos em que o encontro com aquilo que está além do mundo particular desassossega o pensamento e os sentidos e faz deslizar linhas de fuga, que são potências para a reterritorialização criativa, quando ocorre a instauração de outros modos de vivência nos territórios de dominação. Por isso, linhas de fuga/distanciamentos de determinismos estão sempre entrelaçadas por linhas moleculares/flexíveis e linhas molaes/duras, já que todo processo criativo ocorre no mesmo território onde imperam regras, convenções e hábitos.

Somos cortados por linhas, em todas as direções e em todos os lados. As linhas estão presentes em todos os estratos de vida, em tudo o que habitamos, por onde circulamos, onde trabalhamos, brincamos, amamos e experimentamos afetos.” (DA COSTA, AMORIM, 2019, pp 914-915)

A criatividade dos jovens fãs externalizam essas linhas de vida porque, por exemplo: linhas duras se sobrepõem quando a ética deles os mantém fiéis a personagens, com a customização de *cosplay* – roupas de fantasia, ou a trechos de uma obra original; linhas

flexíveis, quando escrevem *fanfics* – ficções textuais desdobradas da literatura canônica; e linhas de fuga, quando experiências conjuntas dos habitantes de *fandoms* se mostram tão intensas que eles se tornam capazes de criar histórias originais e *fanarts* – arte amadora em formato digital, ou quando eles formulam outros modos de convivência e resistem ao *status quo*.

Acreditando que em tais práticas predominam linhas de fuga, formulamos uma pergunta-problema com o objetivo de investigar possibilidades de afastamento da educação competitiva

- 1) Serão os *fandoms* territórios lisos, propícios para ações estéticas, éticas e políticas cultivadas nas fendas de diferentes bases de poder, durante encontros de lazer?

Espaços lisos e estriados são conceitos com os quais Deleuze e Guattari (1997, p. 157) filosofaram sobre relações assimétricas de poder. Enquanto o espaço liso favorece a sustentação de territórios planos de convivência, onde prevalecem as intensidades das relações, os espaços estriados se apegam a regras e hierarquias para a supremacia da matéria. Mas, “devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si.”

Nesse paralelo e no contexto das práticas de fãs, uma obra original possui um senhorio e o que nela existe requer autorização para ser manuseada. Seu criador a elabora e a expõe na vitrine para contemplação monetizada - espaço estriado onde o escritor habita a cobertura e os fãs o térreo. Entretanto, o mundo digital ampliou os modos de consumo (JENKINS, 2009) e fragilizou a vitrine, abrindo passagem para estratégias transgressoras de contemplação, como o sequestro por digitalização do cânone e a propagação de cópias para outros que sequer habitam o térreo dessa relação. Longe do senhorio, a obra percorre imprevisíveis caminhos, quebram-se algoritmos de segurança e ela se torna obra sem dono, aberta a inusitados resultados, entre esses, a formulação de espaços lisos de convivência.

Agenciados pela captura da literatura cânone, os jovens ampliam relações pessoais, fomentam a imaginação, expõem sonhos e desabafam sobre medos e inseguranças em *fandoms*. Diferente da solidão de uma obra original, seu desdobramento por meio de uma ficção de fã anseia pela interação, já que a ausência de seguidores comumente determina o abandono da história em elaboração ou a participação desses motiva o escritor amador a continuar fabulando. Nessa correlação, a estratificação de poderes não se destaca, visto o ricochetear de afetos entre a expectativa do leitor de aguardar a publicação de uma ficção e a ansiedade do escritor para ter companhia. Além disso, esses jovens preferem a elaboração de ficções em coautoria, quando dois ou mais se reúnem para criar uma *fanfic* ou uma história original.

Além desses referenciais, adotamos ainda o conceito de literatura menor, que também sustenta a análise cartográfica, e ampliamos a reflexão com a compreensão de multiletramentos (ROJO, 2012), que auxiliou a desvelar os multimodos de linguagem e de aprendizagem presentes nas experiências digitais de fãs. Todavia, decidimos apresentar esses dois últimos conceitos ao longo do desenvolvimento deste resumo, seguindo o percurso

imersivo empreendido entre 2019-2023.

### **Imersão nos territórios de fãs**

A investigação foi atravessada pela pandemia da Covid-19 em 2020, quando o ano letivo foi paralisado e, mais do que antes, fazia-se necessário pensar o quanto a escola estava afastada dos multimodos de linguagens e de aprendizagem possibilitados por tecnologias digitais. Diante do problema, amparamo-nos no conceito de multiletramentos (ROJO, 2012, p. 13), para o qual estabelecemos um objetivo específico de pesquisa: verificar se as literaturas amadoras se coadunam com a perspectiva dos multiletramentos e quais os recursos de linguagem mais adotados.

O conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos dos quais ela se informa e se comunica. (grifo original)

A partir das três características dos multiletramentos (ROJO, 2012, p. 23): colaboração, mestiçagem e transgressão, vimos que as práticas amadoras de fãs agregam esse trio enquanto consomem-produzem conteúdos culturais, pois é notório que, para os jovens pesquisados, não faz sentido consumir se não houver produção, especialmente em coautoria. Por sua vez, as práticas são sempre multimodais (ou mestiças) e sua diversidade varia segundo o tipo de produção: nas *fanfics*, prevalece o texto escrito; nas *fanarts*, a imagem em Formato de Intercâmbio de Gráficos (GIF); no *cosplay*, o corpo é alterado por roupas de fantasia que produzem desterritorializações inimagináveis, pois já não há um corpo, mas um ser em heteronímia. O fã, com o *cosplay*, não se esconde sob uma ilusão, ao contrário, esse é o momento para exposição de outras expressões de vida.

Também detectamos que as fabulações são criadas principalmente como estratégias de ajuda mútua, sendo incomum encontrar registros de conflitos e desavenças. Provavelmente, as linhas molares das regras de uso dos *fandoms*, ao informar a possibilidade de exclusão de postagens inadequadas, colaborem para o hábito dos usuários não adotarem atitude hostil ante publicações que não atendam a suas expectativas ou pelas quais não tenham afinidade, posturas corriqueiras que modelam outro tipo de ética coletiva, com intensidades para, quem sabe, repercutir na vida fora dos *fandoms*.

Quanto à transgressão, esta é o fundamento da atividade de fãs, que se apropriam de obras originais para criar sua própria ficção, cuja ética de (re)uso se mantém muito mais pelo afeto ao cânone do que pelo atendimento aos direitos legais de imagem e de exploração do conteúdo. Desse modo, obras capturadas os empoderam, abalando o nivelamento entre autor e amador.

Ademais, a literatura amadora guarda as características da ação coletiva e do posicionamento político subjacentes à literatura menor, pois, pelo que constatamos em 20 amostras, estimulou o comprometimento social, como a iniciativa de um *otaku*, que criou em

uma favela do Rio de Janeiro uma biblioteca de animes e mangás doados por colaboradores para incentivar a leitura e promover espaço lúdico a crianças e jovens que frequentam a feira adjacente. Há ainda *fanfics* com o objetivo de promover explicitamente aprendizagem aos leitores e ficções politicamente engajadas, que buscam destruir preconceitos de raça/etnia, gênero e origem, além de defenderem a inclusão social.

Uma prática dessa literatura menor, incomum em escolas, refere-se à criação de vocabulários específicos de *otakus* e kapopeiros, cujos repertório e redações quebram a rigidez da língua portuguesa e dão passagem a palavras mestiçadas, formuladas pela tentativa de inserir fragmentos do Japão e da Coreia do Sul na língua materna, uma espécie de devir-linguagem, “ações que visam burlar os métodos fronteiriços que delegam à língua um regime de poder.” (SCARELI; DIAS, 2021, p. 3). Também é relevante registrarmos experiências autodidatas, como as de um fã que aprendeu a fotografar e a criar *fanarts* com tutoriais disponíveis em canais digitais, e como uma escritora amadora que, sem computador e diante do compromisso de publicar sua *fanfic*, aprendeu sozinha a usar ferramentas de textos pelo celular.

### **Considerações finais**

As análises apontaram que as práticas lúdicas dos jovens pesquisados trazem resposta afirmativa para a pergunta-problema da pesquisa. Sim, os territórios de fãs são erigidos por micro bases de poder, cuja potência propicia desterritorializações imprevisíveis, passíveis de romper com determinações regidas por excludentes binarismos, tais como padrão/desvio, superior/inferior.

Com isso, entendemos que na literatura amadora preponderam linhas de fuga, posto as experiências de resistências a normas restritivas, aproximando-se do que Deleuze e Guattari (1977) denominaram literatura menor, por ser criação de minorias ou por dar visibilidade a seus autores – os próprios *otakus* e kapopeiros. Essa aproximação é explícita nos encontros entre escritor amador e leitores, que, conjuntamente, desterritorializam-se do mundo base e reterritorializam-se nos *fandoms* por práticas ainda não corriqueiras na sociedade disciplinada. Também os conteúdos produzidos apontam vivências estéticas que promovem aprendizagem autodidata, tanto no que se refere à ampliação do repertório vocabular e domínio gramatical, quanto no manuseio de tecnologias para fins de criativos conteúdos digitais, consoante o conceito de multiletramentos.

Por fim, confirmamos a perspectiva educacional da tese, visto que a fantasia agenciando experiências juvenis favorecem práticas distanciadas da competição e da assimetria de poderes ainda presentes em escolas brasileiras, modelos estriados em sintonia com a visão adultocêntrica do ensino médio nacional. Por tudo que vivenciamos, concluímos que, nessas práticas lúdicas, as relações lisas prevalecem e as estriadas estremecem.

---

## Referências

COSTA, Luciano Bedin da; AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro. **Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia**. Atos de Pesquisa em Educação, v. 14, n. 3, p. 912-933, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)**. São Paulo: 34, 1996a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia (Vol. 5)**. São Paulo: 34, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-31.

SCARELI, Giovana; DIAS, João Paulo Barreto. Educação e cinema: por uma pedagogia corsária. In: **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**. GT 24 – Educação e Arte. Set. – Out. 2021. Disponível em: [Anais das Reuniões Nacionais da ANPEd | ISSN: 2447-2808](#) Acesso em 14 mar. 2023.